



**Resenha**

Groisman, A. *et al.* (ORG.) (2012) *Theatrum Ethnographicum: Campo, Experiência, Agência*. Florianópolis: Ed. da UFSC

**O teatro etnográfico: tensionamentos no fazer etnográfico**

Rafael Reis da Luz<sup>1</sup>



310

Fig. 1: Capa do livro. Fonte: Site da editora UFSC

À primeira vista, parece repetitivo e desnecessário falar da relação entre antropologia e etnografia, ou sobre a importância que a segunda teria para a primeira e vice-versa. Tradicionalmente entendida como um campo de

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realiza pesquisas em Psicologia Social na interface com outros campos, entre eles a Antropologia.



investigação sobre condições e possibilidades da vida humana, a antropologia se apoia principalmente no fazer etnográfico, em geral entendido como um método de escrutinar e compreender a vida tal como é vivida. Apoiado em Geertz, Goldman (2006) argumenta que a socialidade – poderíamos incluir aí a informalidade –, é o principal meio de pesquisa da antropologia, sendo a construção de ‘teorias etnográficas’ a ligação entre uma ‘teoria nativa’, que fala por si e para si, e uma ‘teoria científica’, historicamente construída para negar ou sujeitar a diferença. Nesse sentido, mesmo que em suas origens a antropologia tivesse como finalidade o controle da experiência humana, atualmente se discute as muitas e múltiplas possibilidades e definições da experiência etnográfica, dos fenômenos e temáticas a serem investigadas etnograficamente e quais as implicações disso para o saber antropológico, e vice-versa. Desse modo, a relação entre antropologia e etnografia é necessariamente inquieta, incômoda, necessitando sempre se repensar e se reformular.

Esse é o pano de fundo do livro “Theatrum Ethnographicum: Campo, Experiência, Agência”, organizado por Groisman, Oliveira, Cruz, Noernberg e Gerber, publicado em 2012 pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Trata-se de uma coletânea de artigos que, retratando diferentes experiências em campo, seguem o mesmo fio condutor no âmbito da antropologia contemporânea: o contexto de produção do saber antropológico e etnográfico implicado. Nesse sentido, um dos objetivos da obra é refletir sobre as condições da pesquisa social implicada, incluindo, por exemplo, a problemática da relação hierárquica entre pesquisador e pesquisado.

O livro apresenta os trabalhos de mestres e doutorandas da disciplina Métodos e Técnicas em Antropologia I, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC (PPGAS-UFSC), sob responsabilidade do professor e doutor Alberto Groisman. Na apresentação, que leva o provocador título “Deslocando olhares (e autoridades)”, Groisman (2012, p. 12) afirma:

... na tarefa proposta, cada estudante tinha que *(re)visitar*, *(re)conhecer* ou *(re)pensar*, o “campo”, essa maravilhosa categoria-lugar onde “coletamos” “nossos dados”, onde encontramos “nossos nativos”, onde e quando enfim



faz sentido nossa máscara social. E, a partir de um *deslocamento* (...) encontrar com – e na – inspiração etnográfica, a motivação para um registro “denso”, que em quaisquer circunstâncias – e não só quando pensamos hermeneuticamente “com” Geertz – devemos levar em conta para dar sentido ao nosso ofício e assim fazê-lo plausível. (grifos do autor)

Nesse sentido, ao entender o sujeito-pensador como um ator-personagem que se acomoda ao cenário, que realiza a sua performance, que procura preencher o que o outro diz e faz, Groisman parafraseia o termo ‘*theatrum philosophicum*’ – depreendido da discussão de Foucault (1980) a respeito da filosofia não como pensamento, mas como teatro que reflete a articula as diferentes obras filosóficas –, passando a pensar então na possibilidade de um ‘*theatrum ethnographicum*’, lugar-acontecimento de produção de conhecimento, de proliferação e interlocução de saberes-fazeres etnográficos e antropológicos.

Atendendo ao desafio proposto por Groisman, os trabalhos propõem, a partir de experiências concretas – pesquisas realizadas, em andamento ou revisitadas –, reflexões sobre enquadres e limites do fazer etnográfico, na revisão crítica de antropologias que se limitam a buscar padrões e regularidades. Os trabalhos focam naquilo que ‘falha’ durante a pesquisa, naquilo que não é esperado, que desperta angústias e tensões, que gera dúvidas e perguntas, e por isso mesmo são reveladores, passando a integrar a escrita e análise etnográfica. É nesse sentido, por exemplo, que Gerber (2012), no capítulo “Pesquisa de campo não tem legenda”, reflete sobre o momento inusitado em que se depara com um portão trancado com um cadeado, numa clara mensagem de que ela não era bem-vinda ao campo. Ou quando Fernandes (2012), no capítulo “Capoeiras de Angola do Sul”, reflete sobre a entrada no campo a partir do estranhamento que sua presença gerou numa aula de capoeira. Ou quando Bordin (2012), no capítulo “Sobre a recepção da InfoTV entre passageiros do transporte público em Florianópolis”, narra situações inusitadas e até cômicas nas viagens à UFSC, podendo a partir daí refletir sobre os enquadramentos da experiência etnográfica e da produção de conhecimento. Com dez capítulos, além da apresentação, o livro discute diversas e diferentes experiências etnográficas, formando uma coesão temática singular. Os textos argumentam



quanto à necessidade de se atentar ao campo, o que deve ocorrer sob um exercício refinado de ver e rever.

Ainda a respeito dessa coesão, é notável a apropriação de discussões contemporâneas pelos diferentes autores; por exemplo, a discussão sobre afetação da e na pesquisa, proposta por Favret-Saada (2005). Nessa esteira, Gerber (2012, p. 33) afirma:

Vejo o ser afetado como uma questão central para repensar-nos em campo, considerando que ser afetado também implica escolhas que vão determinar nossos *instrumentos* no “com quem”, “por que” e “como” vamos trabalhar e até onde estamos preparados e dispostos a nos envolver com o outro em um exercício exaustivo que é o trabalho de campo onde, preconiza Mauss (1993), não se pode ou deve “negligenciar nenhum pormenor”. Neste sentido, o “pormenor” de se deixar afetar faz toda a diferença. Talvez por isso mesmo nos assuste e inquiete tanto. Ele implica considerar a participação e o exercício de se permitir viver uma imersão em campo de forma plena, com intelecto, com coração e com sentimento, qualificando as vozes tanto do etnógrafo quanto dos nativos. Talvez por todos esses pormenores o “ser afetado” tenha nos afetado tanto. E, se for uma moda, já deixou-nos uma/sua marca. (grifo da autora)

313

O livro consiste, portanto, num rico material de reflexão teórica e metodológica por apresentar diferentes experiências etnográficas, sem o temor de expor dilemas, contradições e angústias dos caminhos trilhados, sempre na liberdade e criatividade de propor novos percursos etnográficos. Desse modo, a obra propõe uma reflexão para além da padronização etnográfica imposta pelos manuais de metodologia, tensionando os limites do fazer etnográfico e reverberando novas questões para a antropologia.

#### Referências bibliográficas

- BORDIN, D. Sobre a recepção da InfoTV entre passageiros do transporte público em Florianópolis. In: GROISMAN, A. *et al.* (ORG.) (2012) **Theatrum Ethnographicum: Campo, Experiência, Agência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 99-121;
- FAVRET-SAAD, J. (2005) Ser afetado. **Cadernos de Campo**: revista dos alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, n. 13, p. 155-161.



Link: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em 22 de março de 2020;

FERNANDES, F. A. Capoeiras de Angula do Sul: percursos e percalços de uma inspiração etnográfica reflexiva. In: GROISMAN, A. *et al.* (ORG.) (2012) **Theatrum Ethnographicum: Campo, Experiência, Agência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 85-98;

FOUCAULT, M. (1980) **Nietzsche, Freud e Marx**: *Theatrum Philosophicum*. Porto: Anagrama;

GOLDMAN, M. (2006) Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Revista Etnográfica**, v. 10, n. 1, p. 161-173. Link: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf>. Acesso em 22 de março de 2020;

GERBER, R. M. Pesquisa de campo não tem legenda: algumas reflexões a partir de minha experiência. In: GROISMAN, A. *et al.* (ORG.) (2012) **Theatrum Ethnographicum: Campo, Experiência, Agência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 19-36;

GROISMAN, A. Apresentação: Deslocando olhares (e autoridades). In: GROISMAN, A. *et al.* (ORG.) (2012) **Theatrum Ethnographicum: Campo, Experiência, Agência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 7-15.